interações
ISSN: 1983-2478
DOI: 10.5752/P.1983-2478.2026v21n2e212t10
PUC Minas

ORTOPENTHOS:
uma proposta pastoral para o cuidado do luto à luz de Jó

ORTOPENTHOS:
a pastoral proposal for grief care in light of Job

ORTOPENTHOS:
una propuesta pastoral para el cuidado del duelo a la luz de Job

Luciano Fernandes Petuia[*]
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Curitiba, PR, Brasil
E-mail: lucianopetuia@gmail.com
ORCID: 0009-0002-3849-3472

Waldir Souza[**]
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Curitiba, PR, Brasil
E-mail: waldir.souza@pucpr.br
ORCID: 0000-0002-4332-2822

RESUMO
Este artigo apresenta o *Ortopenthos* como proposta pastoral bíblico-teológica para o cuidado de pessoas enlutadas, à luz da experiência de Jó. Parte-se da compreensão do luto como realidade humana, espiritual e singular, que exige presença, escuta e acompanhamento respeitoso, sem reduzir a dor a respostas prontas ou esquemas rígidos. O objetivo é delimitar o significado e o conceito do termo *Ortopenthos*, construído a partir dos vocábulos gregos *orthos* e *penthos*, e indicar suas implicações para o cuidado pastoral. Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, de natureza bibliográfica. A análise toma Jó 1:20–21 como ponto inicial da formulação conceitual, sem desconsiderar o percurso posterior de Jó, marcado por silêncio, lamento, questionamentos e busca de sentido. O artigo sustenta que o *Ortopenthos* integra três movimentos não lineares: lamento, adoração e gratidão, fundamentados na graça de Deus. Conclui-se que essa proposta pode contribuir para o acompanhamento pastoral individual, para a igreja local, grupos de apoio ao luto e contextos externos, respeitando limites éticos e a necessidade de assistência especializada quando o sofrimento se agrava.

[*] Mestre em Teologia e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Especialista em Estudos Bíblicos no Antigo Testamento e bacharel em Teologia pelo Centro Universitário de Maringá.

[**] Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Especialista em Bioética pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Palavras-chave: Luto; *Ortopenthos*; Jó; cuidado pastoral; teologia.

ABSTRACT
This article presents Ortopenthos *as a biblical-theological pastoral proposal for caring for bereaved individuals, in light of the experience of Job. It is based on the understanding of grief as a human, spiritual, and deeply personal reality that requires presence, listening, and respectful accompaniment, without reducing pain to ready-made answers or rigid frameworks. The objective is to delineate the meaning and concept of the term* Ortopenthos*, formed from the Greek words* orthos *and* penthos*, and to indicate its implications for pastoral care. Methodologically, this is a qualitative, descriptive, and exploratory bibliographical research. The analysis takes Job 1:20–21 as the initial point for the conceptual formulation, without disregarding Job's later journey, marked by silence, lament, questioning, and the search for meaning. The article argues that* Ortopenthos *integrates three non-linear movements: lament, worship, and gratitude, grounded in the grace of God. It concludes that this proposal can contribute to individual pastoral accompaniment, the local church, grief support groups, and external contexts, while respecting ethical limits and the need for specialized assistance when suffering becomes more severe.*
Keywords*: Grief;* Ortopenthos; *Job; pastoral care; theology*.

RESUMEN
Este artículo presenta el Ortopenthos *como una propuesta pastoral bíblico-teológica para el cuidado de personas en duelo, a la luz de la experiencia de Job. Se parte de la comprensión del duelo como una realidad humana, espiritual y singular, que exige presencia, escucha y acompañamiento respetuoso, sin reducir el dolor a respuestas prefabricadas o esquemas rígidos. El objetivo es delimitar el significado y el concepto del término* Ortopenthos*, construido a partir de los vocablos griegos* orthos *y* penthos*, e indicar sus implicaciones para el cuidado pastoral. Metodológicamente, se trata de una investigación cualitativa, descriptiva y exploratoria, de naturaleza bibliográfica. El análisis toma Job 1:20–21 como punto inicial de la formulación conceptual, sin dejar de considerar el recorrido posterior de Job, marcado por silencio, lamento, cuestionamientos y búsqueda de sentido. El artículo sostiene que el* Ortopenthos *integra tres movimientos no lineales: lamento, adoración y gratitud, fundamentados en la gracia de Dios. Se concluye que esta propuesta puede contribuir al acompañamiento pastoral individual, a la iglesia local, a los grupos de apoyo al duelo y a contextos externos, respetando los límites éticos y la necesidad de asistencia especializada cuando el sufrimiento se agrava.*
Palabras clave: *Duelo*; Ortopenthos; *Job; cuidado pastoral*; *teología*.

1 INTRODUÇÃO

O luto é uma experiência universal e, ao mesmo tempo, profundamente singular, porque mobiliza emoções, a maneira como a pessoa interpreta a perda, reações corporais e a dimensão espiritual. No cuidado pastoral, essa realidade aparece tanto na igreja local quanto fora dela, em ocasiões em que a família ainda está tentando se situar diante da perda, como velórios, hospitais e escolas, além de abordagens que surgem de repente. Nesses momentos, o que mais se espera não é uma explicação dos fatos, mas presença, escuta e apoio, respeitando o tempo e os limites de quem sofre, sobretudo quando a perda envolve vínculos com pessoas muito próximas — cônjuge, filho, pai ou mãe.

Embora existam diferentes modelos para compreender o luto, a experiência mostra

que ele não se desenvolve de maneira linear e uniforme. Em revisão baseada em mais de cinquenta estudos, Pop-Jordanova (2021, p. 9-11) ressalta que as experiências de perda são vividas de maneira singular e observa que, no decorrer do luto, as pessoas podem alternar momentos de tristeza profunda com outros de aceitação ou até mesmo de felicidade por continuarem vivas. Nesse sentido, as chamadas fases podem ajudar a nomear vivências recorrentes e a tornar o sofrimento mais compreensível, desde que não sejam apresentadas como um roteiro fixo de etapas pelas quais o enlutado deva passar (Kübler-Ross, Kessler, 2005; Worden, 2013). Por isso, o cuidado pastoral deve reconhecer que o luto é um processo marcado por oscilações e respostas variadas, evitando expectativas rígidas ou exigências que imponham ao enlutado um padrão idealizado de recomposição.

Entre os autores que contribuíram para uma compreensão mais realista do luto, William Worden propõe uma abordagem baseada em tarefas, afastando-se de leituras rígidas ou lineares dos estágios. Para o autor, o enlutado participa ativamente do processo ao enfrentar tarefas decorrentes da perda: aceitar sua realidade, processar a dor do luto, ajustar-se a um mundo sem a pessoa falecida e encontrar uma conexão duradoura com quem morreu, enquanto se inicia uma nova etapa da vida (Worden, 2013, p. 19-28). Essas tarefas podem sobrepor-se, ser revisitadas ou interrompidas, conforme o ritmo e os recursos emocionais de cada pessoa.

Apesar das contribuições de Worden e de outras abordagens sobre o luto, permanece, no campo pastoral, espaço para uma proposta bíblico-teológica que acolha o sofrimento, respeite a singularidade do enlutado e dialogue com essas áreas do saber, sem reduzir a dor a esquemas rígidos ou respostas prontas. Nesse horizonte, o livro de Jó, inserido na literatura sapiencial do Antigo Testamento, oferece um testemunho relevante para a reflexão espiritual e pastoral, pois não apresenta uma humanidade idealizada, mas um percurso marcado por fragilidade, questionamento, busca de sentido e permanência diante de Deus.

À luz dessa trajetória de fé, o *Ortopenthos* é entendido como uma postura devocional que, a partir da experiência de Jó, se articula com essas compreensões do luto e ajuda o cuidador ou conselheiro a discernir, com respeito, as necessidades espirituais e emocionais que emergem ao longo do processo. Assim, o objetivo do artigo é apresentar o termo neológico *Ortopenthos* como proposta pastoral para o cuidado do luto, a partir de Jó 1:20–21 e suas implicações para o apoio de enlutados. De modo específico, busca-se delimitar o significado e o conceito do termo e indicar diretrizes de cuidado aplicáveis à igreja local e a contextos externos, eclesiais e não eclesiais, com atenção a uma postura respeitosa, realista e eticamente prudente diante do sofrimento. Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter

descritivo e exploratório, de natureza bibliográfica, voltada à análise e fundamentação do conceito de *Ortopenthos*.

2 *ORTOPENTHOS*: FUNDAMENTO BÍBLICO E DELIMITAÇÃO CONCEITUAL

A formação do neologismo *Ortopenthos* parte da junção de dois termos gregos: *orthos* (ὀρθός) e *penthos* (πένθος). Segundo o Dicionário Vine (2016, p. 591), o vocábulo *orthos*,[1] listado sob o verbete *Endireitar*, é classificado como adjetivo e empregado com referência à *altura,* indicando *posição vertical*. Nessa mesma direção, o léxico BDAG (Bauer, 2000) registra o termo no sentido de *estar em pé ou ereto* (Bauer, 2000, s.v. ὀρθός*)*. Em Atos dos Apóstolos, esse uso aparece na ordem de Paulo ao homem aleijado: "[...] — Levante-se *direito* sobre os pés!" (Bíblia [NAA], 2017, At 14:10, grifo nosso). Nesse contexto, *orthos* reforça a dimensão do milagre: aquele que nunca havia andado agora se coloca em pé com firmeza.

Quanto ao segundo termo que compõe o neologismo, *penthos* (πένθος) é apresentado por Vine, Unger e White Jr. (2016, p. 1038), sob o verbete *Tristeza*, como substantivo que abrange *mágoa*, *pesar*, *aflição*, *dor* e *tristeza*, indicando sua ocorrência, entre outros textos, em Apocalipse 18:7 e 21:4. O BDAG define o vocábulo como *tristeza vivida* ou *expressa* — *pesar, tristeza e luto* — e registra seu uso em Tg 4:9 e Ap 18:7–8, bem como em associação com *clamor* e *dor* em Ap 21:4 (Bauer, 2000, s.v. πένθος). Nessa passagem escatológica, a eliminação do luto é apresentada em conjunto com o fim da morte, do pranto e da dor: "[...] E já não existirá mais morte, já não haverá luto, nem pranto, nem dor [...]" (Bíblia [NAA], 2017, Ap 21:4).

Assim, percebe-se que essa formulação indica que a palavra não se limita a um sentimento passageiro, mas se vincula à experiência de perda e às suas expressões, alcançando dimensões afetivas profundas e existenciais do sofrimento. Por isso, neste artigo, *penthos* contribui para compreender o luto como realidade que afeta a vida da pessoa e requer elaboração, reorganização e cuidado. A seguir, apresenta-se o emprego de *Ortopenthos* e seus fundamentos no texto bíblico-base de Jó 1:20–21.

[1] No campo semântico do grego do Novo Testamento, o adjetivo ὀρθός (*orthos*) aparece também em Hb 12:13, na forma plural ὀρθάς (*orthas*), qualificando as "veredas" como "caminhos da justiça", o que amplia o foco da verticalidade física para a ideia de retidão moral, daquilo que é correto. Sob o verbete *Direito*, os autores registram ainda o advérbio cognato ὀρθῶς (*orthōs*), com o sentido de "justamente, retamente", indicando o modo correto de falar, julgar, responder e ensinar, aplicado a textos como Mc 7:35; Lc 7:43; 10:28; 20:21 (Vine, Unger, White Jr., 2016, p. 591; 568).

2.1 Jó 1:20–21 como passagem-chave para a formulação do *Ortopenthos*

A partir desses dois termos, o neologismo *Ortopenthos* permite nomear, à luz de Jó 1:20–21, uma resposta devocional diante do luto. A escolha dessa perícope se justifica por registrar a primeira reação de Jó à perda de seus filhos e bens. Nela, o patriarca manifesta gestos e palavras que articulam lamento, adoração e o bendizer do nome do Senhor, compreendido aqui como expressão que fundamenta a dimensão da gratidão e o reconhecimento da soberania de Deus.

Ao analisar essa sequência de ações de Jó, Carasik (2016, p. 149–152) observa que o ato de cair por terra pode ser percebido, inicialmente, como continuidade dos gestos de luto e, à luz da prostração subsequente, como início de um ato de adoração. O autor propõe que essa dupla possibilidade de leitura constitui um paralelismo de Jano.[2] Tal interpretação evidencia que, em Jó 1:20, a expressão da dor e a adoração aparecem articuladas na mesma resposta inicial à perda.

Além disso, no texto hebraico, o gesto inicial do patriarca é descrito pelo verbo *qûm* (קוּם), cujo sentido lexical o define como ato de levantar-se e pôr-se em pé (Koehler; Baumgartner, 1994–2000, s.v. קוּם). Na construção do neologismo *Ortopenthos*, o radical grego *orth-*, vertido na forma composicional *orto-*, é empregado de modo analógico para evocar a ideia de verticalidade ou posição ereta, como já atestado no uso neotestamentário (cf. At 14:10) e corroborado pelo léxico BDAG (Bauer, 2000, s.v. ὀρθός). Desse modo, embora os vocábulos gregos ὀρθός e πένθος não ocorram em Jó 1:20–21 na Septuaginta, sua associação com a passagem não se estabelece por equivalência etimológica nem por correspondência lexical direta, mas como recurso conceitual. Nesse sentido, o neologismo nomeia, como formulação linguística, a postura representada pelo movimento concreto descrito em Jó — levantar-se diante da perda.

A Figura 1 oferece uma representação simbólica do *Ortopenthos* à luz de Jó 1:20–21, destacando a atitude de levantar-se após as notícias trágicas. A imagem não pretende reproduzir literalmente todos os gestos descritos no versículo, mas representar o levantar-se que inaugura a resposta de Jó à dor. Nessa composição, o patriarca é apresentado em pé, com os braços erguidos como símbolo de disposição e entrega diante de Deus, apontando visualmente para o início de uma postura devocional no impacto da perda, a qual, no texto

[2] Na aplicação proposta por Carasik (2016), o paralelismo de Jano designa um recurso literário pelo qual uma palavra ou expressão pode ser compreendida de um modo em relação ao que a precede e de outro à luz do que a sucede. Em Jó 1:20, o ato de cair por terra pode ser associado aos gestos anteriores de luto e, simultaneamente, à prostração e à adoração subsequentes (Carasik, 2016, p. 152).

bíblico, se desdobra em lamento, prostração e adoração (cf. Jó 1:20). O pó no chão remete à finitude humana e à realidade concreta do luto.

Figura 1 – Postura do *Ortopenthos* em meio ao luto



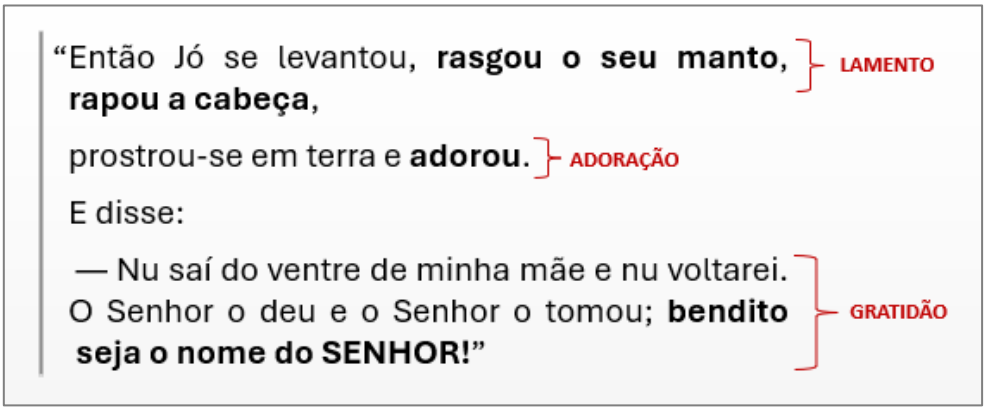
Fonte: Elaborada pelos autores, com apoio de IA (2025).

Ao fundo, a luz que desce sobre Jó evoca a graça de Deus e o seu cuidado contínuo, que sustentam o enlutado em meio ao sofrimento. Nessa ilustração, manter-se de pé não significa elaborar imediatamente a dor, mas simboliza a possibilidade de permanecer diante de Deus na caminhada, sem sucumbir ao desespero. Ainda assim, o percurso de Jó inclui momentos tensos, marcados por silêncio, questionamentos e busca de sentido.

Com isso, Jó 1:20–21 constitui-se como ponto inicial da formulação do *Ortopenthos*, sem esgotar a totalidade da experiência de Jó, ao concentrar, no primeiro impacto da perda, os elementos que estruturam a proposta. Ao longo do livro, porém, esse percurso se adensa em silêncio, lamento, questionamentos e busca de sentido, até alcançar, em Jó 42:5–6, uma reorientação marcada por reconhecimento mais profundo de Deus. Enquanto a Figura 1 oferece uma apresentação visual do conceito, a Figura 2 revela, no próprio relato, os movimentos que o estruturam.

A Figura 2 orienta uma leitura integrada dos três movimentos presentes em Jó 1:20–21. Na leitura aqui proposta, o lamento permite que a dor seja apresentada a Deus com sinceridade; a adoração mantém viva a reverência diante do Senhor; e a gratidão abre espaço para reconhecer sinais de cuidado divino, sem apagar a saudade. Esses movimentos podem manifestar-se em diferentes momentos do luto e com intensidades variadas, conforme a realidade do enlutado.

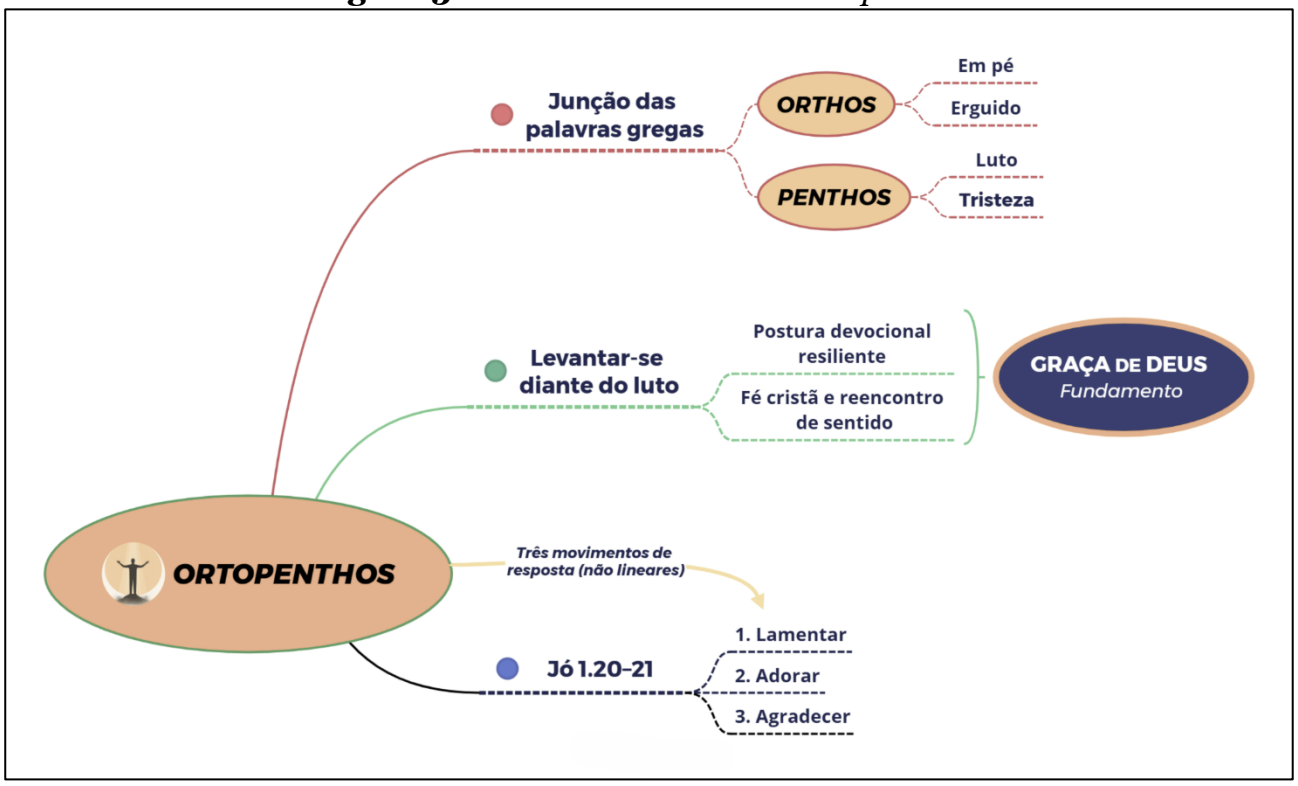
Figura 2 – Movimentos devocionais do *Ortopenthos*



Fonte: Elaborada pelos autores com base em Jó 1:20–21 (Bíblia [NAA], 2017).

Para sintetizar essa leitura, a Figura 3 apresenta um esquema visual da formulação do *Ortopenthos*.

Figura 3 – Síntese conceitual do *Ortopenthos*



Fonte: Elaborada pelos autores.

Em essência, Jó 1:20–21 serve como passagem bíblica central para a compreensão do *Ortopenthos* diante da perda. Esses movimentos, embora não se apresentem de forma rígida, oferecem ao cuidado pastoral um referencial para acolher o sofrimento sem simplificar a experiência do enlutado. É importante ressaltar que esse texto constitui o marco inicial do enfrentamento da perda no percurso do luto de Jó, sem esgotar sua

complexidade. Com essa base, o tópico 2.2 passa à delimitação conceitual do termo, explicitando os seus elementos constitutivos e a sua contribuição para o acompanhamento pastoral de pessoas enlutadas.

2.2 Significado do termo e delimitação conceitual

Por *Ortopenthos* entende-se a postura devocional resiliente, sustentada pela graça de Deus, pela qual a pessoa se levanta diante dos desafios do luto e manifesta, com sinceridade, a fé cristã. O termo indica que essa resposta não nasce de autossuficiência, mas do sustento divino em meio à perda (cf. Jó 10:12), permitindo ao enlutado permanecer diante de Deus, reconhecer o sofrimento e seguir sua caminhada com esperança.

À luz do percurso etimológico e teológico apresentado, *Ortopenthos* é definido como uma forma de resposta da fé cristã ao luto, exemplificada em Jó 1:20–21, e constituída por três movimentos: lamento, adoração e gratidão, ancorados na graça de Deus e orientados ao reencontro de sentido para a vida. Antes de examinar esses movimentos em sua dimensão pastoral, torna-se necessário situá-los no percurso mais amplo do livro de Jó, indo além de Jó 1:20–21, especialmente no silêncio de Jó 2:12–13 e no lamento do capítulo 3, que expressa um dos momentos mais intensos de sua angústia diante do sofrimento.

3 DO SILÊNCIO AO LAMENTO: JÓ 3 E A CRISE DE SENTIDO

Considerado em seu conjunto, o livro de Jó apresenta, no prólogo narrativo (Jó 1:1–2:13), o justo sofredor e sua resposta inicial. Nos diálogos poéticos (Jó 3:1–42:6), aprofundam-se o lamento, os questionamentos e o confronto com a lógica retributiva; no epílogo (Jó 42:7–17), os amigos são repreendidos e o relato culmina na restauração da vida de Jó, sem oferecer uma explicação causal para o sofrimento vivido. Nesse desenvolvimento literário, a resposta de Jó em Jó 1:20–21 constitui o ponto de partida da formulação do *Ortopenthos*, sem, contudo, resumir toda a sua experiência diante da perda.

A sequência narrativa mostra que a dor do patriarca não permanece restrita aos gestos de lamento, prostração e adoração descritos no prólogo. Após o impacto das perdas e o agravamento de sua aflição física, Jó atravessa um período de silêncio ao lado de seus amigos, até que, em Jó 3, sua dor assume expressão verbal mais intensa. Essa passagem do silêncio ao lamento é decisiva para compreender que a fé de Jó não é idealizada nem separada de sua condição humana. Ela não aparece como uma fé sem tensão, mas como

permanência diante de Deus em meio à perplexidade, à fragilidade e à busca de sentido.

Antes que Jó fale, o texto destaca o silêncio. Seus amigos, ao tomarem conhecimento das desgraças que o atingiram, vão ao seu encontro para manifestar solidariedade e oferecer consolo. Ao vê-lo de longe, não o reconhecem, sentam-se com ele em terra e permanecem calados por sete dias, pois percebem que a sua dor era muito grande (cf. Jó 2:11–13). Nesse primeiro momento, a presença silenciosa dos amigos pode ser compreendida não como omissão de cuidado, mas como reconhecimento da gravidade do sofrimento. A fala ainda não se impõe, porque a dor parece exigir antes acolhimento, proximidade e respeito.

Após esse período de silêncio, Jó abre a boca e amaldiçoa o dia do seu nascimento (cf. Jó 3:1–3). Esse primeiro lamento revela que a resposta devocional inicial não eliminou a dor, que continuou a agir em sua interioridade. Nesse ponto, a experiência de Jó se aproxima da reflexão de Gutiérrez sobre a dificuldade de falar de Deus em meio ao sofrimento do inocente (Gutiérrez, 1987). Em Jó 3, essa linguagem nasce marcada pela aflição e pela inquietação diante da própria existência.

A força dessa fala inicial não constitui ocorrência isolada nas Escrituras. Clines (1989) observa que há semelhanças entre o lamento de Jó e Jeremias 20:14–18, onde também aparece a linguagem de amaldiçoar o dia do nascimento. Contudo, o autor destaca uma diferença importante: em Jeremias, a maldição se estende ao mensageiro que anunciou o nascimento; em Jó, ela não se dirige a uma pessoa, mas recai sobre o dia do nascimento e sobre a noite da concepção. Desse modo, a *maldição fútil* de Jó não se dirige contra alguém, mas manifesta de forma intensa o desejo de que sua própria existência tivesse sido impedida (Clines, 1989, p. 79-80). Trata-se de uma linguagem extrema, na qual o sofrimento já não permanece no silêncio e passa a ganhar voz.

Na sequência do capítulo, o lamento de Jó se desdobra em perguntas sobre o sentido de seu nascimento e de sua permanência na vida. Ao questionar por que não morreu ao nascer ou por que foi recebido no colo e amamentado (cf. Jó 3:11–12), Jó não elabora uma reflexão abstrata sobre a morte, mas expressa a dificuldade de compreender a própria existência depois da tragédia. O repouso descrito nos versículos seguintes (cf. Jó 3:13–19) aparece, nesse contexto, como contraste com a aflição presente. Assim, o texto revela um sofrimento que não se limita à perda sofrida, mas alcança a maneira como Jó interpreta sua própria vida diante de Deus.

A partir de Jó 3:20–26, o lamento se desloca para a pergunta sobre o sentido de continuar vivendo em condição de sofrimento. Jó questiona por que a vida ainda é dada àqueles que sofrem profundamente e se encontram tomados por amargura, expressando o

peso de permanecer na vida em meio à aflição (cf. Jó 3:20–21). O capítulo se encerra com a declaração de Jó de que lhe faltam descanso, sossego e repouso, restando-lhe apenas inquietação (cf. Jó 3:26). Clines (1989) observa que, diante da condição de Jó, seria natural esperar sentimentos como dor, desgosto, raiva ou luto; contudo, o texto ressalta ansiedade e inquietação, em contraste com o que se esperaria. Para o autor, essa inquietação não deve ser compreendida como medo da morte, uma vez que, em Jó 3, a morte é apresentada como condição desejada em contraste com a aflição presente. Antes, deve ser entendida como decorrente do impacto intelectual e existencial provocado pelo que lhe aconteceu (Clines, 1989, p. 91).

Ainda que a sua lamentação alcance essa intensidade, ela deve ser compreendida como linguagem do sofrimento, e não como prescrição moral. Mesmo em conflito, Jó permanece diante de Deus, reconhecendo que sua vida não está sob seu próprio domínio, mas sob a soberania daquele que a concede e a recolhe (cf. Jó 1:21; 12:10).

Assim, o lamento de Jó marca uma virada decisiva em seu percurso. Ao dar voz à sua aflição, o capítulo 3 inaugura os diálogos poéticos e prepara o confronto posterior com a lógica retributiva dos amigos, que tentarão associar a dor do patriarca a alguma culpa oculta. Essa lógica partia da crença de que recompensas e castigos nesta vida deveriam corresponder à justiça ou à injustiça de cada pessoa. Essa mesma crença levava muitos a interpretar a prosperidade como sinal de retidão, enquanto o sofrimento era associado à culpa ou ao pecado; quanto maior fosse a aflição, maior seria o pecado presumido (Walton, Matthews, Chavalas, 2018, p. 646). No entanto, a experiência do justo sofredor resiste a essa interpretação reducionista.

Essa tensão entre sofrimento, crise de sentido e explicação retributiva também pode ser situada em um contexto histórico-teológico mais amplo. A datação do livro de Jó permanece objeto de debate. Hartley reúne as propostas dos estudiosos em três períodos: o início do século VII a.C., durante o reinado de Ezequias; meados do século VI a.C., após a queda de Jerusalém; e os séculos IV e III a.C., no período pós-exílico, correspondente à época do Segundo Templo. Embora registre essas possibilidades, o autor considera mais plausível situar a composição do livro no século VII a.C. (Hartley, 2023, p. 39; 43).

No que diz respeito especificamente à discussão poética correspondente aos capítulos 3–31, Terrien (1994) observa que a maioria dos especialistas por ele considerados propunha uma data próxima do século V a.C. Ainda assim, prefere situar a composição dessa seção poética na primeira metade do século VI a.C., alguns anos após a destruição de Jerusalém, preferencialmente em torno de 575 a.C. (Terrien, 1994, p. 29).

Em sua leitura, o poeta de Jó pode ser entendido como um sábio de origem judaíta, situado no início do exílio. Ele teria vivido em meio a deslocamentos forçados de populações e a experiências de opressão injustificada, profundamente marcado pela dor pessoal e pelos transtornos econômicos, políticos e culturais do começo do século VI a.C. (Terrien, 1994, p. 31).

Além disso, Terrien entende que o livro de Jó não se limita à pergunta sobre por que sofrem os justos, mas utiliza o problema do sofrimento injusto para alcançar uma questão mais ampla e crucial. Trata-se do significado da fé em um contexto no qual referências centrais da vida judaíta, como aliança, templo, terra, população e família real, haviam sido seriamente abaladas (Terrien, 1994, p. 43).

É nesse horizonte que a crítica à lógica retributiva se articula ao percurso de Jó: as acusações dos amigos procuram oferecer uma resposta moral para sua aflição, mas o livro preserva a tensão entre dor, fé e ausência de uma explicação conclusiva. Mesmo diante dessas acusações e incompreensões, Jó não renuncia à sua integridade. Embora não obtenha respostas para tudo o que sofreu, ele é conduzido a reconhecer que os desígnios divinos ultrapassam a compreensão humana (cf. Jó 42:2–3). Nesse sentido, Gutiérrez (1987) observa que, no livro de Jó, crer não significa apenas compartilhar do sofrimento humano, especialmente dos mais desamparados, mas também atravessar uma luta espiritual e reconhecer que Deus não pode ser limitado às categorias humanas.

Desse modo, no desfecho de sua experiência, Jó não recebe uma explicação baseada no castigo, mas passa por uma reorientação profunda diante de Deus e de si mesmo (cf. Jó 42:5). Por isso, Jó 3 ocupa lugar relevante na formulação do *Ortopenthos*, pois evidencia que, no luto, a relação com o Criador não suspende a condição humana de quem sofre nem apaga a manifestação da dor. Nessa perspectiva, lamento, adoração e gratidão não são etapas lineares de superação, mas movimentos de uma fé que permanece diante de Deus mesmo quando atravessada por perguntas, aflição e inquietação.

4 OS TRÊS MOVIMENTOS DO *ORTOPENTHOS* NO LUTO

Os três movimentos do *Ortopenthos* não devem ser compreendidos como etapas fixas nem como sequência obrigatória no processo do luto. Eles expressam, antes, modos interligados pelos quais a pessoa enlutada pode responder diante de Deus à experiência da perda, articulando dor, reverência e reconhecimento. Em Jó 1:20–21, esses movimentos aparecem no entrelaçamento de gestos e palavras que permitem identificar o lamento, a

adoração e a gratidão como elementos constitutivos dessa postura devocional.

No acompanhamento pastoral, essa integração oferece uma referência para discernir, em cada encontro, qual desses movimentos se mostra mais presente ou requer maior atenção, sem impor ao enlutado um percurso que não corresponda à sua realidade. Assim, em determinados momentos, algum deles pode ganhar maior evidência. Por isso, o detalhamento a seguir os aborda separadamente, de modo a tornar mais clara a contribuição de cada um para a compreensão do *Ortopenthos* e o cuidado de pessoas enlutadas.

4.1 Lamento

No *Ortopenthos*, o lamento ocupa lugar fundamental, pois corresponde à possibilidade de apresentar a dor diante de Deus com sinceridade, sem negá-la nem reduzi-la a uma fraqueza espiritual. Mais do que um desabafo emocional, ele constitui uma forma legítima de reconhecer a perda, nomear o sofrimento e resistir à tentação de mascarar a ausência. Nesse movimento, o enlutado não rompe necessariamente sua relação com Deus; ao contrário, pode permanecer diante dele por meio da oração, da queixa, da súplica e do silêncio sofrido. Assim, o lamento não representa desordem da fé, mas uma de suas expressões possíveis quando a dor se torna intensa e a vida precisa ser reorganizada a partir da perda. Essa compreensão encontra respaldo nos Salmos de lamento (cf. Sl 13; 22; 42–43; 88), nos quais a dor, a queixa e a súplica são dirigidas a Deus como formas legítimas de oração, sem que isso signifique negação da fé.

Além dos Salmos, essa perspectiva encontra fundamento em outros textos bíblicos. No antigo Israel, o luto era vivido como realidade a ser reconhecida e acolhida. O lamento e o pranto integravam esse processo e podiam ser acompanhados por outros gestos de pesar, como se observa em Jó (cf. Jó 1:20), revelando que a dor não era suprimida, mas assumida diante de Deus e da comunidade.

Vários exemplos de luto aparecem nas Escrituras, desde os patriarcas até Jesus, mostrando que a lamentação integra a experiência humana e espiritual. No Antigo Oriente Próximo, o choro e os rituais fúnebres ocupavam lugar central nesse contexto. Entre as práticas mais recorrentes estavam rasgar as vestes, lançar pó e cinzas sobre a cabeça e vestir pano de saco, gestos que expressavam publicamente a dor e simbolizavam a identificação dos vivos com a realidade da morte (Walton, Matthews, Chavalas, 2018, p. 86; 634).

Relatos do Antigo Testamento ilustram como o luto era vivido de forma intensa e ritualizada. Abraão chorou e pranteou por Sara; Jacó rasgou as vestes e lamentou

profundamente ao receber a notícia da suposta morte de José; o povo de Israel pranteou Moisés por trinta dias; e os amigos de Jó, ao vê-lo de longe, rasgaram suas roupas, lançaram terra sobre a cabeça e permaneceram em silêncio por sete dias diante de sua aflição (cf. Gn 23:1–2; 37:34–35; Dt 34:8; Jó 2:12–13). Esses exemplos mostram que, desde os primórdios do testemunho bíblico, o luto era reconhecido, expresso e respeitado tanto no âmbito individual quanto coletivo.

No Novo Testamento, a realidade do luto também está presente, embora com menor ênfase ritual e maior destaque à esperança escatológica. Jesus chorou diante da morte de Lázaro, comovendo-se profundamente com a dor dos que estavam ao seu redor, e a comunidade cristã foi orientada a chorar com os que choram (cf. Jo 11:33–35; Rm 12:15). Desse modo, o sofrimento pela perda não é negado, mas acolhido à luz da fé e da esperança escatológica.

Assim, lamentar o luto significa entrar em contato com o impacto real da perda, permitindo-se sentir a dor em suas diferentes formas. Ainda que nem todos sofram da mesma maneira, é praticamente impossível perder alguém com quem se tinha um vínculo significativo sem enfrentar algum tipo de sofrimento. Nesse sentido, ao tratar da segunda tarefa do luto, Worden (2013, p. 24) afirma ser necessário "[...] reconhecer e trabalhar esse sofrimento"; caso contrário, ele poderá manifestar-se por meio de sintomas físicos ou de comportamentos disfuncionais. Essa compreensão se aproxima da observação de Parkes (1972, p. 173 *apud* Worden, 2013, p. 24), segundo a qual tudo o que permite ao enlutado evitar continuamente a dor tende a prolongar o curso do luto.

Enfrentar a perda não é apenas um desafio pessoal, mas envolve também lidar silenciosamente com as expectativas da sociedade. Muitos enlutados sentem que, ao expressarem a sua dor por um longo período, podem incomodar ou constranger os outros, sobretudo quando são sutilmente pressionados por falas como "você é jovem e pode ter outro filho"; ou "a vida é para ser vivida, e ele não gostaria que você se sentisse assim". Conforme observa Worden (2013, p. 24), esse tipo de reação pode fortalecer as defesas do próprio enlutado e culminar na negação da necessidade de vivenciar o luto. Essa pressão discreta para retornar à normalidade o mais rápido possível, após uma perda significativa, pode comprometer o processo de elaboração do luto. No cuidado pastoral, acolher o lamento também significa resistir a esse tipo de pressão e reconhecer que a dor precisa de espaço, escuta e tempo para ser vivida.

4.2 Adoração

O relato bíblico apresenta Jó como um homem íntegro, justo, temente a Deus e afastado do mal (cf. Jó 1:1), alguém cuja conduta lhe conferia reconhecimento em seu meio social pela retidão moral. Além disso, a narrativa o descreve não apenas como pessoa de caráter íntegro e possuidora de riqueza material abundante, mas também como homem de prática devocional constante, que oferecia regularmente sacrifícios em favor de seus filhos, em expressão de fé e cuidado pela família (cf. Jó 1:5). Esse quadro inicial situa Jó em um contexto sociocultural no qual a fé não se restringia a atos religiosos pontuais, mas se manifestava especialmente em uma comunhão contínua com Deus, que orientava sua vida.

Embora o texto não mencione explicitamente a oração nesses atos sacrificiais, o livro de Jó está repleto de registros de diálogo com Deus, os quais evidenciam a profundidade de sua relação com o Criador e podem ser compreendidos, ao longo do livro, como lamento, contemplação, súplica e intercessão (cf. Jó 7:11; 9:4–10; 13:22; 42:8–10). Jó se apresenta, assim, como alguém cuja adoração não se limita a atitudes externas, mas envolve sinceridade de coração, mesmo em meio à dor e à dúvida.

No *Ortopenthos*, a adoração corresponde à permanência reverente diante do Senhor em meio à ruptura provocada pela morte. Ela não elimina a aflição nem exige serenidade imediata, mas preserva o reconhecimento de que a vida continua sob a soberania divina, mesmo quando faltam explicações. Nesse sentido, adorar não significa oferecer uma resposta pronta ao que aconteceu, mas manter-se voltado para Deus, sem reduzir a experiência do enlutado à revolta, ao fechamento interior ou à simples busca de alívio.

Essa compreensão encontra apoio não somente em Jó 1:20–21, mas também no conjunto do livro, que apresenta a relação de Jó com Deus antes e depois da tragédia. Assim, quando recebe as trágicas notícias, rasga o manto, rapa a cabeça, lança-se em terra e adora. Esses gestos não são apresentados como tentativa de suprimir o abalo, mas como resposta reverente que se insere em uma relação previamente cultivada com Deus e mantida, ainda que atravessada pela dor e pela desestruturação. Desse modo, a adoração não aparece como fuga emocional nem como recusa de encarar a realidade, mas como expressão de alguém que, mesmo abalado pela perda, continua diante do Senhor, de quem recebe sustento para prosseguir.

No cuidado pastoral, essa dimensão impede que a adoração seja tratada como exigência de autocontrole religioso ou como sinal de pronta recomposição interior. À luz do *Ortopenthos*, adorar significa ajudar o enlutado a permanecer orientado para Deus, mesmo

quando a fé está atravessada por perplexidade, cansaço e silêncio. Essa postura encontra na oração uma de suas formas de expressão, quando ele apresenta a Deus sua dor, suas perguntas e sua súplica, sem a exigência de palavras estáveis ou respostas prontas. Nessa perspectiva, a reverência não censura a fragilidade, mas a acompanha, reconhecendo que, em certos momentos, voltar-se ao Senhor já constitui, em si, um sinal significativo de confiança. Assim, a adoração não substitui o processo do luto; antes, possibilita a continuidade da caminhada espiritual, favorecendo a resiliência.

4.3 Gratidão

A gratidão, no *Ortopenthos*, não se confunde com satisfação diante da perda nem com a obrigação de apresentar uma reação emocionalmente positiva. Ela corresponde à possibilidade de reconhecer, mesmo em meio à ausência, que a vida permanece envolvida pela graça de Deus e que nem tudo se reduz à realidade provocada pela morte. Nesse sentido, agradecer não significa silenciar a saudade, ser indiferente, minimizar a gravidade do ocorrido ou espiritualizar apressadamente a experiência do enlutado, mas conservar a capacidade de perceber o dom da vida e os gestos de cuidado e sustento que ainda tornam possível a continuidade da caminhada.

Essa compreensão encontra seu ponto de apoio em Jó 1:21, quando, após receber a notícia de tamanha perda, Jó declara: "[...] O SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR" (Bíblia [NAA], 2017, Jó 1:21b). Nesse contexto, a gratidão pode ser compreendida, neste primeiro momento, não como conformismo perante a morte, mas como reconhecimento de que a vida, em sua origem e em seu limite, permanece na mão de Deus (cf. Jó 12:10). Desse modo, ao bendizer o nome do Senhor, Jó não subestima a seriedade do ocorrido nem encobre a aflição que o atravessa, pois esse ato não encerra o seu percurso marcado por protesto e questionamentos intensos. Antes, nessa fase inicial, exprime uma resposta devocional que preserva a reverência e reconhece que, mesmo em meio à perda, ainda é possível recordar a vida recebida como dom.

Portanto, como movimento do *Ortopenthos*, a gratidão consiste em ajudar o enlutado a perceber que a caminhada continua e que, no tempo possível e sem artificialidade, mesmo quando a dor da perda se mostra cruel, ainda é possível agradecer pelo privilégio de ter partilhado a vida com quem partiu, pelo bem que essa pessoa semeou e por sua memória, que pode ser honrada por meio de atitudes discretas. Nesta direção, o psicólogo Robert Emmons (2009, p. 20) observa que, mesmo em contextos marcados por perdas

significativas, é possível expressar gratidão por algum benefício recebido; pessoas que o fazem tendem a relatar maior bem-estar e menor suscetibilidade a emoções e consequências negativas. No acompanhamento pastoral, contudo, esse reconhecimento não deve ser forçado, mas acolhido com prudência, sem apagar a saudade nem simplificar a experiência da ausência.

5 IMPLICAÇÕES PASTORAIS DO *ORTOPENTHOS* NO CUIDADO DO LUTO

Após a delimitação conceitual do *Ortopenthos* e a explicitação de seus três movimentos constitutivos, torna-se necessário considerar suas implicações pastorais no cuidado do luto. Se, por um lado, o lamento, a adoração e a gratidão oferecem uma chave bíblico-teológica para compreender a experiência da perda, por outro, também indicam caminhos concretos de escuta, presença, oração e acompanhamento.

Essa compreensão dialoga com a reflexão bioética sobre o cuidado da dor e do sofrimento humano. Pessini (2002) ressalta a necessidade de uma visão antropológica holística, capaz de considerar as dimensões física, social, psíquica, emocional e espiritual da pessoa que sofre. Para o autor, o cuidado solidário deve unir competência técnico-científica e humanidade, sem se limitar à tentativa de explicar as razões da dor e do sofrimento (Pessini, 2002, p. 51). Ao tratar da dimensão espiritual do sofrimento, o autor a relaciona à perda de significado, sentido e esperança (Pessini, 2002, p. 62). Tal reflexão reforça a necessidade de um cuidado atento às questões espirituais que emergem em situações de grande vulnerabilidade. Essa perspectiva contribui para situar o *Ortopenthos* no diálogo entre saúde, teologia e pastoral, pois o cuidado do luto exige atenção integral à pessoa, respeito à sua dignidade e abertura à assistência especializada quando necessário.

Nessa abordagem interdisciplinar, as tarefas propostas por Worden podem ser articuladas ao *Ortopenthos*. A aceitação da realidade da perda aproxima-se do lamento, que permite ao enlutado olhar a ausência sem negar a dor. O processamento do sofrimento emocional encontra acolhimento na oração sincera, no amparo e na permanência diante de Deus, a quem o enlutado pode apresentar a tristeza, a revolta e também as dúvidas. Os reajustes exigidos pela vida após a morte de alguém significativo aproximam-se do sentido de *levantar-se diante do luto*, que expressa a reorganização gradual da existência sob o sustento da graça. Por fim, a tarefa de manter um vínculo contínuo com quem morreu, ao mesmo tempo em que se prossegue na vida, pode ser relacionada à gratidão, que reconhece a memória e o valor de quem partiu sem fechar o caminho para novos começos. Assim, o

Ortopenthos não substitui o modelo de Worden, mas dialoga com ele ao traduzi-lo, no campo pastoral, em práticas de escuta, oração, lamento, continuidade da vida e gratidão.

Sob essa visão, importa ressaltar que os movimentos ortopênticos não devem ser entendidos como técnica de intervenção nem como roteiro predefinido a ser imposto ao enlutado, mas como referência pastoral que ajuda a reconhecer a singularidade de cada processo de luto, acolher a dor sem censura e favorecer, com prudência, a continuidade da vida diante da ausência do ente querido. Com base nessa perspectiva, esta seção examina o *Ortopenthos* como referência para o cuidado pastoral, sua aplicação na igreja local e nos grupos de apoio ao luto, bem como em contextos externos, eclesiais e não eclesiais.

5.1 O *Ortopenthos* como referência pastoral

O aconselhamento do luto pode atuar como complemento efetivo aos facilitadores mais convencionais, como a família, a comunidade de fé e os rituais sociais, especialmente quando a pessoa encontra dificuldade para lidar sozinha com a perda (Worden, 2013, p. 55-56). Assim, no âmbito pastoral, esse cuidado não deve ser confundido nem tomado como substituto da intervenção clínica, mas se expressa por meio da presença, da escuta, da oração e da orientação pastoral, oferecendo apoio diante das reações emocionais e dos reajustes exigidos pela vida após a perda. Nesse sentido, o *Ortopenthos* pode servir como referência pastoral por traduzir, à luz da fé cristã, necessidades concretas do enlutado, sem convertê-las em um esquema predefinido.

Essa compreensão se torna ainda mais relevante quando se observa que o próprio percurso de Jó não foi marcado apenas por palavras de reverência, mas também por silêncio e questionamentos. Antes de falar, ele atravessa um tempo de recolhimento e dor extrema, acompanhado por amigos que, em um primeiro momento, permanecem em silêncio diante da gravidade de sua condição física e existencial (cf. Jó 2:7, 12–13). Esse dado é pastoralmente significativo porque mostra que nem sempre o primeiro cuidado exige explicações, exortações ou respostas imediatas. Em muitas situações, o gesto mais respeitoso é justamente permanecer ao lado, reconhecendo que há sofrimentos cuja intensidade torna a fala inicial insuficiente. Assim, o silêncio, nesse contexto, não representa falta de amparo, mas uma forma sensível de presença diante de uma realidade que ainda não pode ser traduzida em palavras. Essa atitude compassiva, conforme destaca Ternay (2001), constitui uma das primeiras lições oferecidas pelo livro de Jó: “diante do sofrimento dos outros não há outra coisa a fazer senão fechar a boca e saber calar-se” (Ternay, 2001, p.

46).

Ao mesmo tempo, a experiência de Jó mostra que, na orientação pastoral, não se deve estranhar nem censurar perguntas dirigidas a Deus. Seu lamento se desdobra em indagações, protestos e busca sincera por sentido e por resposta (cf. Jó 3; 7:17–20; 10:1,18; 13:3; 23:3–5). Por isso, compreender o *Ortopenthos* desse modo não implica conduzir o enlutado a uma postura religiosamente idealizada, mas acolher a possibilidade de que a fé coexista com perplexidade, revolta e crise de sentido. No cuidado pastoral, isso significa abrir espaço para que a pessoa fale com verdade sobre sua dor, formule suas perguntas e permaneça diante de Deus sem a pressão de apresentar recomposição imediata. Assim, o *Ortopenthos* orienta um acompanhamento relacional que une escuta, oração e discernimento, respeitando o tempo do enlutado e reconhecendo os limites próprios da prática ministerial.

Nessa mesma direção, Clinebell (2007), ao tratar da poimênica e do aconselhamento de apoio, observa que o pastor recorre a métodos que "[...] estabilizam, alicerçam, alimentam, motivam ou orientam pessoas atribuladas, capacitando-as a manejar seus problemas e relacionamentos mais construtivamente, dentro dos limites que lhe são impostos pelos recursos de sua personalidade e pelas circunstâncias" (Clinebell, 2007, p. 165). Essa observação reforça que o cuidado pastoral no luto não se limita à palavra de consolo, mas envolve formas práticas de apoio que buscam estabilizar a pessoa enlutada e oferecer-lhe sustentação interior, nos âmbitos individual e comunitário, bem como em outros espaços de atuação. Por isso, no processo de aconselhamento, o pastor precisa discernir o que se manifesta em cada encontro. Essa postura evita respostas apressadas e favorece um acompanhamento mais respeitoso e sensível.

Desse modo, o *Ortopenthos* se apresenta como referência pastoral, em chave bíblico-teológica, ao orientar um cuidado que caminha ao lado de quem sofre, ajudando-o a se aproximar de Deus de modo verdadeiro e a buscar, sob o sustento da graça, a reorganização da vida. Quando, porém, o sofrimento se agrava ou ultrapassa os limites da atuação ministerial, torna-se prudente orientar a busca por assistência profissional especializada, sem que isso implique interrupção do suporte pastoral. A seguir, cabe considerar o papel da igreja local e dos grupos de apoio ao luto na continuidade desse acompanhamento.

5.2 Igreja local e grupos de apoio ao luto

Clinebell (2007, p. 216) destaca que o apoio à família enlutada precisa continuar

durante as semanas e os meses posteriores ao funeral, pois a necessidade de cuidado não se encerra nos primeiros dias da perda. Diante disso, a igreja local ocupa um lugar estratégico no acolhimento de pessoas enlutadas, visto que possui condições de oferecer um amparo contínuo e integral que ultrapassa os primeiros dias após o falecimento. A mesma postura devocional que orienta o acompanhamento pastoral individual também pode orientar a comunidade a lidar com a dor de modo responsável.

Assim, a igreja local, por meio de grupos de apoio e equipes devidamente preparadas para esse cuidado, pode tornar-se espaço de suporte efetivo e constante, pautando sua atuação no reconhecimento do luto como uma experiência que exige presença, escuta, oração e respeito ao tempo de quem sofre. Nesse sentido, visando fortalecer os laços de solidariedade desde o início, o autor ressalta ainda que partilhar com a família enlutada uma *ceia de comunhão* logo após o funeral pode afirmar a continuidade da vida mesmo diante da perda sofrida, constituindo uma forma simbólica de dizer: "nós podemos e temos que continuar juntos" (Clinebell, 2007, p. 215).

Dessa forma, no exercício da missão pastoral, os grupos de apoio ao luto podem oferecer um espaço regular de escuta e acolhimento, no qual pessoas enlutadas compartilham histórias e lembranças significativas, reconhecem o valor da vida de quem morreu e cuidam, por meio de gestos simples, da memória de quem partiu. Em diálogo com o *Ortopenthos*, esses grupos podem favorecer a expressão legítima da dor, a preservação do vínculo com o falecido e o surgimento da gratidão como fruto, não como exigência. Respeitando-se o tempo previsto para os encontros, as dinâmicas articulam momentos de oração, louvor e reflexão bíblica. Além disso, essas ações de proximidade consolidam os laços comunitários e podem ser organizadas conforme as peculiaridades de cada igreja, considerando a disponibilidade de líderes, voluntários e formas viáveis de acompanhamento contínuo.

Nessa perspectiva, à luz do *Ortopenthos,* compreende-se que a reorganização da vida após a perda não depende apenas de intervenções técnicas, mas também de um cuidado perseverante, sustentado pela graça de Deus, por meio da fé e da oração. No contexto da igreja local e dos grupos de apoio, esse cuidado pode ajudar o enlutado a atravessar o lamento com sinceridade, permanecer diante de Deus em adoração mesmo sem respostas claras e, com o tempo, experimentar a gratidão como reconhecimento do valor da vida partilhada. Sob o prisma pastoral, isso pode se manifestar na capacidade de honrar a memória de quem partiu, preservar o que foi aprendido na convivência e retomar, ainda que com dificuldade, aspectos básicos da rotina. Assim, a gratidão não aparece como exigência

religiosa, mas como uma postura que pode coexistir com a dor, sem substituir o lamento.

Por fim, vale ressaltar que tanto o pastor quanto os grupos de apoio ao luto devem reconhecer os limites éticos da própria atuação e não assumir funções próprias do acompanhamento terapêutico. Quando o sofrimento apresenta sinais de agravamento ou ultrapassa a esfera do cuidado eclesial, torna-se necessário orientar o enlutado e sua família à busca de assistência especializada. Nessa relação, a espiritualidade não se coloca como uma alternativa excludente à psicologia e à psiquiatria, mas como dimensão aliada, oferecendo linguagem de fé, oração e sentido. Assim, levantar-se diante do luto implica recuperar, com responsabilidade ética e apoio comunitário, condições concretas para seguir adiante sem apagar a memória de quem partiu. Em virtude disso, o *Ortopenthos* pode configurar-se como caminho pastoral consistente para o acolhimento do luto no contexto eclesial.

5.3 Contextos externos: eclesiais e não eclesiais

Embora o *Ortopenthos* tenha sido apresentado principalmente no contexto da igreja local, a experiência do luto não se limita ao espaço congregacional. Frequentemente, os primeiros cuidados e o acolhimento inicial acontecem em hospitais, funerárias, capelanias e outros ambientes, envolvendo famílias com diferentes convicções religiosas. Por isso, sua aplicação pode ser considerada em contextos externos, desde que preserve sua natureza como postura devocional cristã e respeite as particularidades do enlutado e as especificidades do lugar em que se encontra.

Nos ambientes eclesiais ampliados, como capelanias, escolas confessionais, projetos sociais vinculados a comunidades de fé e iniciativas de cuidado realizadas por equipes cristãs, o *Ortopenthos* pode orientar uma presença pastoral organizada, atenta e sensível. Neles, sua contribuição não consiste em impor uma forma de vivenciar o luto, mas em favorecer escuta, oração e orientação devocional quando houver abertura para isso. Esses espaços, ligados à atuação cristã, possibilitam uma expressão mais clara da fé, sem negligenciar a sensibilidade, a preparação e o respeito ao modo como cada pessoa atravessa a perda.

Em locais não eclesiais, por sua vez, a aplicação do *Ortopenthos* exige ainda maior discrição e atenção à liberdade de consciência. Em instituições públicas, organizações sociais ou outros ambientes marcados por diversidade religiosa e cultural, a presença cristã deve ser pautada pelo respeito, empatia e consentimento, evitando qualquer forma de pressão

religiosa ou proselitismo. Nesses casos, o *Ortopenthos* pode inspirar o cuidador a oferecer escuta atenta, presença responsável e, quando apropriado, recursos de fé e oração, sempre em diálogo com as equipes responsáveis e com atenção aos limites éticos. Assim, sua aplicação externa não descaracteriza sua identidade cristã, mas a concretiza em uma presença acolhedora, prudente e sensível ao sofrimento alheio.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas neste artigo buscaram apresentar o *Ortopenthos* como uma proposta pastoral para o cuidado de pessoas enlutadas, tomando Jó 1:20–21 como ponto inicial de elaboração bíblico-teológica. A experiência de Jó, contudo, não foi tratada como fórmula pronta nem como modelo de serenidade imediata. Seu percurso permite considerar o silêncio, o lamento e os possíveis questionamentos que podem surgir no processo do luto. Isso ajuda a compreender o *Ortopenthos* como uma postura devocional que acolhe a complexidade do sofrimento humano sem reduzir a fé a respostas rápidas.

Nesse percurso, lamento, adoração e gratidão foram compreendidos como movimentos integrados e não lineares. O lamento oferece lugar para a dor ser expressa com sinceridade; a adoração mantém a pessoa voltada para Deus mesmo quando não há respostas claras; e a gratidão pode surgir, com o tempo, como reconhecimento do valor da vida partilhada, da memória de quem partiu e do sustento recebido pela graça. Desse modo, esses movimentos não negam a dor da perda nem impõem recomposição imediata, mas favorecem uma forma de permanecer diante de Deus em meio ao luto.

No campo pastoral, o *Ortopenthos* pode contribuir como referência para a escuta, a presença, a oração e o acompanhamento respeitoso. Sua aplicação pode alcançar o cuidado individual, a igreja local, os grupos de apoio ao luto e contextos externos, eclesiais ou não eclesiais. Em todos esses espaços, sua contribuição exige prudência, sensibilidade e atenção à liberdade de consciência, para que a fé cristã seja expressa como presença acolhedora, e não como imposição religiosa ou tentativa de apressar o processo do enlutado.

Conclui-se, portanto, que o *Ortopenthos* não elimina a dor da ausência, nem substitui a assistência profissional quando ela se faz necessária. Sua contribuição consiste em oferecer, a partir do percurso de Jó, um caminho pastoral possível para que a pessoa enlutada reconheça a realidade da perda, encontre amparo espiritual e retome, gradualmente, condições reais para seguir adiante. Assim, *levantar-se diante do luto* significa prosseguir sem apagar a memória de quem partiu, sustentado pela graça de Deus,

pela responsabilidade ética e pelo apoio da comunidade de fé.

REFERÊNCIAS

BAUER, Walter. **A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature** (BDAG). 3. ed. Revisão e edição de Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo Nova Almeida atualizada** (NAA). 3. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CARASIK, Michael. Janus parallelism in Job 1:20. **Vetus Testamentum**, Leiden, v. 66, n. 1, p. 149–154, 2016. DOI: https://doi.org/10.1163/15685330-12301222.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral:** modelo centrado em libertação e crescimento. Tradução de Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

CLINES, David J. A. **Word Biblical Commentary:** Job 1–20. Dallas: Word Books, 1989.

EMMONS, Robert A. **Agradeça e seja feliz!**: como a ciência da gratidão pode mudar sua vida para melhor. Tradução de Maria Clara De Biasi W. Fernandes. Rio de Janeiro: BestSeller, 2009.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **On Job: God-Talk and the suffering of the innocent.** Tradução de Matthew J. O'Connell. Maryknoll: Orbis Books, 1987.

HARTLEY, John E. **Comentários do Antigo Testamento:** Jó. Tradução de Edmilson Francisco Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2023.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. **The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament**. Leiden: Brill, 1994–2000.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth; KESSLER, David. **On grief & grieving:** finding the meaning of grief through the five stages of loss. New York: Scribner, 2005.

PESSINI, Leo. Humanização da dor e sofrimento humanos no contexto hospitalar. **Bioética**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 51–72, 2002. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/214. Acesso em: 4 jun. 2026.

POP-JORDANOVA, Nada. Grief: aetiology, symptoms and management. **Contributions:** Section of Medical Sciences, Skopje, v. 42, n. 2, p. 9–18, 2021. DOI: https://doi.org/10.2478/prilozi-2021-0014.

TERNAY, Henri de. **O livro de Jó:** da provação à conversão, um longo processo. Petrópolis: Vozes, 2001.

TERRIEN, Samuel. **Jó**. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1994. (Coleção

Grande Comentário Bíblico).

VINE, William E.; UNGER, Merril F.; WHITE JR., William. **Dicionário Vine:** o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD; Thomas Nelson Brasil, 2016.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia:** Antigo Testamento. Tradução de Noemi Valéria Altoé da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WORDEN, J. William. **Aconselhamento do luto e terapia do luto**: um manual para profissionais da saúde mental. Tradução de Adriana Zilberman, Leticia Bertuzzi e Susie Smidt. 4. ed. São Paulo: Roca, 2013.

Contribuição na coautoria (CRediT): *Conceitualização: LFP, WS. Metodologia: LFP. Investigação: LFP. Redação – rascunho original: LFP. Redação – revisão e edição: LFP, WS. Supervisão: WS.*

Declaração de uso de Inteligência Artificial: *O autor principal utilizou o ChatGPT, da OpenAI, como ferramenta de apoio na elaboração da Figura 1 – Postura do Ortopenthos em meio ao luto, bem como para sugestões de redação e revisão textual de trechos do manuscrito. As fontes bibliográficas foram pesquisadas e consultadas diretamente pelo autor, não sendo a ferramenta de IA utilizada como fonte bibliográfica. Todo o conteúdo produzido com apoio da ferramenta foi criteriosamente analisado pelo autor principal, e o manuscrito final foi revisado e aprovado pelos autores, que assumem plena responsabilidade por seu conteúdo.*

Conflito de interesses: *Os coautores declaram não haver.*

Recebido em: *23-04-2026*

Aprovado em: *17-08-2026*

Publicado em: *14-10-2026*

Editor-gerente: *Moisés Sbardelotto*